

O aspecto do grotesco como crítica a uma sociedade futurística

Alan Alcântara Cebalho¹
Bruna Moreira Agra de Oliveira²
Welida Nayre de Souza Poquiviqui³

Resumo: Este artigo consiste em uma leitura da obra *A máquina do tempo* (1895), de H. G. Wells, e por meio dela, trataremos do aspecto grotesco e como este encontra-se inserido no texto, nos possibilitando fazer uma possível interpretação do romance, dispendo como embasamento para essa análise a tese de doutorado *Alteridade, tecnologia e utopia no cinema de ficção científica norte americano: a tetralogia alien* (2010), de Elsa Margarida da Silva Rodrigues, o artigo *O grotesco e sua semiose: o caso ficção científica* (2007), de Thiago Falcão, a obra de Massaud Moises, *Dicionário de termos literários* (2004), e o livro *Do grotesco e do sublime* (s.d.), de Victor Hugo.

Palavras-chave: Grotesco; Obra; Ficção científica; Sociedade e Leitor.

Abstract: This article consists of a reading of H. G. Wells' *The Time Machine* (1895), and through it, we will deal with the grotesque aspect and how it is inserted in the text, enabling us to make a possible interpretation of the novel, providing as basis for this analysis the doctoral thesis: *Alterity, technology and utopia in North American science fiction cinema: the tetralogy alien* (2010), by Elsa Margarida da Silva Rodrigues (2006), the article *The grotesque and its semiosis: the case of science fiction* (2007), by Thiago Falcão, the work of Massaud Moises, *Dictionary of literary terms* (2004), and the book *From the grotesque and the sublime* (s.d.), by Victor Hugo.

Keywords: Grotesque; Work; Science fiction; Society and Reader.

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras da Unemat – Campus Pontes e Lacerda.

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Unemat – Campus Pontes e Lacerda.

3 Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Unemat – Campus Pontes e Lacerda.

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *A máquina do tempo* (1981), de H. G. Wells, e por meio desta, observar o aspecto do grotesco, fazendo, posteriormente, uma possível interpretação daquilo que é exposto pelo autor. Vale ressaltar que esta obra é uma das primeiras do gênero de ficção científica, visto isso, usaremos como embasamento a tese de doutorado *Alteridade, tecnologia e utopia no cinema de ficção científica norte americano: a tetralogia alien* (2010), de Elsa Margarida da Silva Rodrigues, o artigo *O grotesco e sua semiose: o caso ficção científica* (2007), de Thiago Falcão, a obra *Dicionário de termos literários* (2004), de Massaud Moises, e o livro *Do grotesco e do sublime* (s.d.), de Victor Hugo.

Na obra de H. G. Wells, *A máquina do tempo* (1981), o protagonista faz uma viagem ao futuro, mais especificamente para o século MML, distanciando-se de Londres do século XIX. O viajante do tempo surpreende-se com o que encontra ao chegar ao futuro, pois a cidade estava totalmente modificada:

Os grandes edifícios que me cercavam apareciam agora claros, e distintos, brilhando com a umidade deixada pelo aguaceiro e realçados em sua alvura pelos montículos de granizo ainda não derretidos que se acumulavam ao longo deles. Senti-me nu em um mundo estranho. Senti talvez o mesmo que sente um pássaro quando voa no espaço aberto e vê um gavião pairando por cima dele, pronto para ataca-lo. Meu medo virou um frenesi.
(WELLS, 1981, p.24)

O personagem principal descobre que não era apenas o ambiente que estava diferente, mas, também, os próprios seres que ali habitavam:

O Homem não se tinha conservado em uma única espécie, mas se dividira em dois animais distintos. Aquelas graciosas crianças do Mundo Superior não eram descendentes exclusivos de nossa geração. Também essa Coisa esbranquiçada, imunda e noturna, que eu vira de relance, era herdeira de todas as épocas anteriores. (WELLS, 1981, p.43)

Os Elois, um povo de feições delicadas e jeito amistoso, viviam na superfície da terra, e os Morlocks, seres monstruosos e horrendos que não gostavam de luz, viviam no subsolo, alimentando-se da carne das frágeis criaturas. No decorrer da narrativa, o personagem perde a sua máquina do tempo, e busca encontrá-la. Nesta procura, o cientista aos poucos descobre os traços desse “novo” mundo, como, por exemplo, a divisão entre as espécies, que o faz refletir sobre as divisões de classe de sua época.

Ao ler a obra, podemos notar que se trata de uma ficção científica, pois além de relatar uma viagem no tempo, há a criação de um possível futuro baseado no real. O gênero da ficção científica, juntamente com a utopia, permite usar da imaginação para descrever mundos diferentes da realidade, causando a impressão de distanciamento, mas, na verdade, não a abandonando por completo:

A ficção científica é um fenômeno híbrido, de fronteira, onde confluem a história, a ciência e a religiosidade, e onde se combinam a fantasia e a realidade, a racionalidade e a imaginação, o encantamento e a crítica, passados alternativos, presentes possíveis e futuros imaginados. (RODRIGUES, 2010, p.25)

Rodrigues salienta que existe uma mistura em relação ao real e a ficção científica, e, percebendo estes aspectos, a obra de Wells descreve estes fenômenos ditos pela pesquisadora, uma vez que o autor cria um futuro imaginário, e o relaciona com conflitos presentes em sua realidade. Um exemplo disto é a crítica que o autor faz em relação à luta de classes. Esses fenômenos mencionados pela pesquisadora nos dão uma base de como a ficção científica ultrapassa os limites que conhecemos em outros gêneros, nos levando a conhecer outras maneiras de ver o mundo. Por estes e outros fatos mencionados acima, uma obra de ficção científica deve, basicamente, ser verossímil, ou seja, as hipóteses não podem ocasionar a contradição de ideias.

O aspecto do grotesco é uma das ferramentas usadas pela ficção científica para causar um efeito de estranhamento, e, pensando nisso, como foi dito no início deste trabalho, iremos discutir sobre a maneira como o grotesco pode ser visto na obra aqui abordada. Mas antes de tudo, é necessário entender quais são as prováveis definições para esse termo dentro do campo literário.

Massaud Moisés em *Dicionário de termos literários* (2004) mostra que houve uma certa mudança nas concepções dos significados do termo, pois inicialmente grotesco estava relacionado com as decorações feitas em grutas pelos antigos. O pesquisador salienta, também, que foi a partir do século XVII que esse assunto adquiriu uma implicação estética, visto que após isso o termo alcançou uma ampla difusão. Mesmo sendo confundido com outros gêneros, o grotesco consegue ter uma certa independência em relação a eles:

(...) o grotesco ergue-se, no entanto, como categoria estética autônoma, na medida em que, nele, “o mundo alheia-se, as formas distorcem-se, as ordens do nosso mundo dissolvem-se (já na ornamentação grotesca se misturam os reinos do inanimado, das plantas, dos animais e dos homens; mais tarde os motivos diletos da

configuração são as marionetes, os bonecos de cera , ou então os loucos, os sonâmbulos, e sempre também animais mais que animais (animalescos), um mecanismo medonho parece ter caído sobre as coisas e os homens. (MOISÉS, 2004, p.215)

É a partir desse momento que o grotesco começa a se relacionar com aquilo que era considerado loucura, uma vez que introduz, por exemplo, o macabro nas discussões. Podemos, então, compreender que este termo designava algo não tão superficial, como muitos pensavam, dado que “(...) traduz a angústia não perante a morte, mas perante a vida, que gera a destruição de toda ordem ou orientação no tempo e no espaço (...)”. Portanto, em *A máquina do tempo* (1981), esta angústia pode ser vista, uma vez que o viajante do tempo faz uma crítica à sociedade na qual ele estava inserido; referimo-nos justamente ao ponto em que ele viaja ao futuro e percebe que tudo o que foi criado para trazer benefícios próprios para a humanidade, foi em vão. Mas é necessário ressaltar que a angústia presente neste personagem é causada justamente pelo fato de que ele estava à procura de respostas para suas indagações, porém essas respostas não foram aquilo que era por ele desejado, já que o narrador acreditava em um futuro promissor; no entanto, como já foi afirmado, não é isso que ele encontra. Vale lembrar que o personagem, sendo um cientista, poderia ter uma parcela de culpa nos resultados encontrados.

Ainda em *Dicionário de termos literários* (2004), Moisés alega que o “(...) grotesco exibe com mais nitidez a sua complexidade.” (p.215), e, com isso, o autor traz uma visão geral daquilo que o termo grotesco traduz: “No geral, o termo “grotesco” assume, atualmente, o sentido do bizarro, extravagante, caprichoso, mau gosto, irregular e, mesmo, ridículo.” (p.215). Levando em conta essa ponderação, podemos afirmar no momento em que o viajante do tempo chega ao futuro e observa a cidade de Londres, há uma nítida representação grotesca, que pode ser notada no seguinte trecho da obra:

Enquanto caminhava, permanecia atento a toda e qualquer impressão que pudesse ajudar-me a explicar por que aquele mundo de esplendor tombava em ruínas. Pois só encontrava ruínas. (...) A meio da encosta da colina, por exemplo, divisei um grande amontoado de granito, conservado unido por destroços de alumínio, um vasto labirinto de paredes desabadas e montes de entulhos (...) (WELLS, 1981, p.28-29)

Outro momento em que pode ser notado o grotesco é quando o viajante encontra com os habitantes daquele lugar, mais estritamente a fragilidade e a semelhança deles é que destaca o grotesco, visto que estes personagens são descritos pelo narrador da seguinte maneira:

(...) percebi que todas se vestiam da mesma forma, tinham o mesmo rosto imberbe e delicado, as mesmas formas redondas de meninas. Pode parecer inconcebível que eu não tivesse notado isso antes. Mas tudo era tão diferente! Agora eu percebia as coisas com a maior clareza. No trajar, e em todas as características e maneiras que hoje distinguem os dois sexos, essas criaturas do futuro eram exatamente iguais (...) (WELLS, 1981, p.29)

Em *Do grotesco e do sublime* (s.d.), Victor Hugo argumenta que existe certo equilíbrio entre o grotesco e o sublime, ou seja, entre o belo e o feio, nas obras literárias, é como se um existisse por causa do outro, “(...) o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz (...)” (p.25). Nesse sentido, talvez, haveria uma relação de interdependência desses termos. Outro ponto discutido pelo pesquisador é o de que, nas literaturas clássicas o grotesco mostrava-se de maneira tímida em comparação com o sublime, algo que não acontece atualmente.

Vale lembrar que Hugo nos faz pensar que, possivelmente, toda obra apresente esses dois extremos, uma vez que, como foi supracitado, há uma provável dependência entre ambos. Esta presença pode ser observada no romance de Wells no instante em que é descrito o ambiente. Referimo-nos às belas flores e as plantas no meio das ruínas, em que, claramente há uma contraposição entre elas, pode-se dizer que, metaforicamente, as flores e as ruínas representam o feio e o belo; por conseguinte, é preciso lembrar que, no transcórre da narrativa, existem outras ocasiões em que essa contraposição pode ser notada. É importante lembrar que Wells traz o grotesco como uma ferramenta capaz de fazer com que ele alcance seus objetivos dentro do texto narrativo aqui discutido, objetivando demonstrar as divisões sociais de sua época.

Além da destruição da cidade de Londres e da aparência dos personagens Eloiis, e posteriormente, os Morlocks, outros exemplos do grotesco podem ser verificados na obra, como as disputas entre os que viviam na superfície, Eloiis, e os que viviam no subsolo e que tinham medo da luz, Morlocks; os vários assassinatos praticados por aqueles que viviam na escuridão; o canibalismo; o medo causado pela insegurança; entre outros exemplos.

Tinha impressão de estar preso numa monstruosa teia de aranha! Eu estava subjugado e parei de lutar. Senti no pescoço a mordida de dentes pequeninos e afiados. Rolei no chão e, no movimento, minha mão tocou na barra de ferro. Ela me deu forças. Debatí-me, sacudindo os ratos humanos de cima de mim e, segurando firmemente a alavanca, comecei a golpear por baixo, na altura em que deviam estar as cabeças dos meus atacantes. Eu podia sentir as massas de carne e

ossos esmagadas por meus golpes, e num instantes me vi livre.
(WELLS, 1981, p. 64)

Por meio de todos esses exemplos, podemos dizer que o viajante do tempo, enquanto um ser dotado de incertezas, procurava entender tudo aquilo que ele estava vendo, e então, chega à seguinte conclusão: “(...) Pela primeira vez comecei a compreender uma estranha consequência dos esforços sociais em que hoje estamos empenhados. E, nada obstante, era uma consequência bastante lógica. (...)” (WELLS, 1981, p.162,163). De maneira sucinta, ele traz à tona o contexto político e social em que vive, no século XIX, como causador de toda aquele estado de coisas caótico, e é essa calamidade que produz no geral o grotesco, que tem como função, nesta obra, fazer com que o leitor reflita a respeito de como será o futuro da humanidade.

Podemos perceber que Wells não possuía uma visão otimista sobre o futuro da humanidade, e por meio de sua obra, realizando uma das características da ficção científica, pôde retratar seu modo de imaginar um futuro distante.

Uma possível interpretação sobre o grotesco que é exposto no romance, é a crítica social, ou seja, sobre a classe burguesa e a classe operária. E, de certa forma, o narrador participava desta classe mais privilegiada, pois nos primeiros capítulos, nos é mostrado que seus visitantes são apenas pessoas que possuem profissões de prestígio no meio social. Sabendo disso, percebemos que há uma autocrítica, pois naquela época a maioria dos leitores eram de classes privilegiadas, e desta maneira, Wells estaria suscitando a reflexão dessas pessoas em relação à essa divisão.

Somos levados a pensar que o próprio narrador acreditava que em função dessas divisões de classes, no futuro, isso seria mais evidente, a ponto de uma classe não querer se impor à outra apenas com manifestações e revoluções, mas sim, por meio da agressão, gerando mortes e impondo o medo:

A situação se agrava quando chegamos, através principalmente da figura do monstruoso, aos processos de civilização, de onde vemos que a recorrência de tal imagem inscreve nela uma resistência inesperada a ideais fundamentais, tais como proporção, ordem, harmonia e controle.” (FALCÃO, 2010, p.2).

O aspecto do grotesco é utilizado neste momento para evidenciar essas ações, de maneira exagerada, para causar espanto no leitor. Wells, neste romance, adverte à sociedade de sua época que, se continuassem desta maneira, com exploração dos menos favorecidos, no futuro,

as lutas entre classes seriam catastróficas. Não estariam evoluindo, mas sim, de certa forma regredindo.

O triunfo absoluto da Humanidade, que eu havia sonhado, tomava uma conformação diferente no meu espírito. Não tinha sido, como eu imaginava, uma vitória da educação moral e da cooperação geral. (WELLS, 1981, p.45)

Seria como se o cientista olhasse para o futuro, e, ao invés de vislumbrar uma sociedade que possui avanços tecnológicos, tanto na área da saúde, quanto na educação, por exemplo, avistasse apenas caos e destruição.

Considerações finais

Buscou-se no decorrer deste trabalho traçar uma ideia a respeito do que é o grotesco e como ele pode ser notado em determinados momentos na obra *A máquina do Tempo* (1981), de H.G. Wells. Mas antes de abordar essa discussão procuramos apontar, também, características a respeito da ficção científica enquanto gênero literário, e a partir desses pressupostos fizemos uma possível interpretação do romance, baseando-nos no ponto em que há uma crítica à sociedade inglesa na qual o autor da obra estava inserido.

Referências bibliográficas:

FALCÃO, Thiago. **O grotesco e sua semiose: o caso da ficção científica**. In: Revisa Temática. 2007.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**. Editora Perspectiva: s.d.

MOISES, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

RODRIGUES, Elsa Margarida da Silva. **Alteridade, tecnologia e utopia no cinema de ficção científica norte americano: a tetralogia *alien***. Coimbra, 2010.

WELLS, H.G. **A máquina do tempo**. Tradução de Fausto Cunha. Alves Editora, 1981.

